

A GREVE DAS MENINAS DO FÓSFORO: O EVENTO HISTÓRICO NA LUTA PELOS DIREITOS TRABALHISTAS DAS MULHERES REPRESENTADAS NO FILME ENOLA HOLMES 2

Évylen Jarine Campinas Maia de Siqueira*
Katiane dos Santos Guimarães**

ENOLA Holmes 2. Direção de Harry Bradbeer. Netflix, 2022.

A história do movimento feminino na luta pelos direitos trabalhistas é repleta de momentos marcantes e desafiadores. A Revolução Industrial teve início na Inglaterra no século XVIII e caracterizou-se por um conjunto de transformações econômicas e sociais que levaram à aceleração do crescimento. Substituiu gradativamente o trabalho artesanal de produtos manufaturados de produção unitária pela produção industrial, com o uso de máquinas que produziam em série; inseriu a possibilidade da utilização de uma mão de obra menos especializada, assalariada e sem necessidade de grande força muscular (BOSCHILIA, 1996).

Ao longo da história, a mulher passou a ser vista em uma condição de inferioridade ao homem, devendo obediência a este por conta de seu sexo biológico. Apesar do grande desenvolvimento, no sentido da promoção da inserção da mulher na sociedade, e, por conseguinte, da incorporação desta no mercado de trabalho, os seus direitos conquistados são advindos das lutas

*Graduanda do 8º semestre em Direito pela Universidade da Amazônia – UNAMA.

Currículo Lattes: Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7228699629230528>.

Endereço eletrônico: evylencampinas@gmail.com.

**Graduanda do 8º semestre em Direito pela Universidade da Amazônia – UNAMA.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6547143633786854>.

Endereço eletrônico: tianeguimaraes5@gmail.com.

Justificativa: O filme "Enola Holmes 2" foi lançado em novembro de 2022 pela Netflix. A história se originou do livro *Os Mistérios de Enola Holmes*, criado em 2006 pela autora Nancy Springer. A história de Enola ocorre por volta do século XIX, inspirado na realidade da greve das matchgirls de 1888. O filme trata da determinação de Enola na busca por independência, que inspirada no seu irmão Sherlock, decide montar seu próprio escritório de detetive. A principal crítica social que o filme aborda é o do papel limitado das mulheres na sociedade, em vista de que os padrões existentes de comportamentos e expectativas sociais para as mulheres não exploravam as diversidades pessoais e profissionais. A mensagem que o filme exhibe é a de que as mulheres podem ser livres, assumirem a si mesmas, independente do que esperam delas.



dos movimentos feministas pela desigualdade salarial, a discriminação e a não proteção do labor da mulher (SAMPARO&SIQUEIRA, 2017).

Um desses movimentos históricos é a Greve das Meninas do Fósforo, que ganha destaque no filme “Enola Holmes 2”, uma produção da plataforma de streaming Netflix com direção do produtor Harry Bradbeer. Esta crítica descreve como esse evento é representado no filme e sua relevância na abordagem das questões de gênero e trabalho em que os espectadores tiveram a oportunidade de acompanhar a jovem Enola, a franquia é baseada na série de livros homônima, escrita por Nancy Springer, os livros por si só já são baseados nos clássicos escritos por Arthur Conan Doyle, a série de livros do detetive Sherlock Holmes.

O cinema é visto como uma possibilidade de aflorar sentimentos, pois há um processo que mobiliza as emoções e os sentidos, assim as histórias ganham significados e ressignificados. Oliveira Jr (1999) aponta para o envolvimento ao assistir um filme, criando vínculos de afetividade com os personagens, sentindo suas alegrias e angústias. A partir dessa possibilidade o filme faz o espectador vivenciar as experiências exibidas e se colocar no lugar do personagem, além de trabalhar a possibilidade de alteridade no encontro com o cinema. “A força do cinema reside no fato de que ele nos dá acesso a experiências diferentes das nossas” (BERGALA, 2009).

A personagem Enola existe apenas nos livros de Springer, no entanto nos filmes da Netflix, adaptação cinematográfica da série de livros “Os Mistérios de Enola Holmes”, de Nancy Springer, é introduzido outros conflitos sociais; O primeiro filme se ocupava justamente do romance de estreia, “O Caso do Marquês Desaparecido”, em que nos é apresentado Enola Holmes, irmã mais nova de Sherlock, que tem ideais à frente do seu tempo, não compactuando com o modelo de sociedade da época, que impunha que meninas aprendessem etiqueta e a bordar, por exemplo.

Como descrito no filme, Enola, nome que de trás para a frente significa “alone” (“sozinha”, em inglês), quer se tornar detetive, assim como seu irmão Sherlock, e prefere aprender artes marciais ao invés de se limitar a fazer o que a sociedade impõe que mulheres façam. A abordagem feita no primeiro filme é uma base introdutória em seus aspectos conceituais para a história que é narrada no segundo filme da franquia (NAFIS, 2020).

A direção de Harry Bradbeer é competente e traz uma abordagem moderna para inovar o universo de Sherlock Holmes, que muitas vezes foi retratado de maneira tradicional em outras adaptações. Dessa forma, o filme também destaca a importância da independência e empoderamento feminino, enquanto aborda questões sociais a época, como o movimento sufragista (PURNAMA; WIJAYANT, 2020).



v.7, n.2



A sequência cinematográfica estreou em 4 de novembro de 2022, tem como ponto de partida justamente o segundo volume literário, "O Caso da Senhorita Canhota" que, também aborda o desaparecimento de uma figura bastante procurada. Após os eventos vistos anteriormente, no segundo filme é feita uma adaptação diferente da obra literária, que retrata um importante fato histórico para à revolução dos direitos das mulheres no decorrer da trama; Enola se depara com a história das Meninas do Fósforo, um grupo de mulheres que trabalhavam em condições desumanas em fábricas de fósforos no século XIX, na Inglaterra.

Enola, após decidir estabelecer sua própria agência de detetives, apesar das circunstâncias em se tornar reconhecida, é envolvida a investigar o caso do desaparecimento de Sarah Chapman. Sarah estava empregada em uma fábrica de palitos de fósforo e foi reportada como desaparecida por sua irmã mais nova, Bessie, a determinação de Enola era desvendar esse mistério e encontrar pistas suficientes que levassem ao paradeiro de Sarah. Conforme Enola mergulha mais fundo na investigação do desaparecimento de Sarah, ela se depara com uma teia complexa de mistérios que vai além das suas expectativas.

Ela se vê em uma trama que envolve fraude, manipulação e até mesmo assassinato. O que começou como um simples caso de pessoa desaparecida se transforma em um desafio maior e perigoso. Ao longo do enredo, revela-se que Sarah não está realmente desaparecida, mas disfarçada enquanto trabalha para expor as terríveis condições de trabalho na fábrica. Seu objetivo é denunciar essa prática que expunha as trabalhadoras ao envenenamento por fósforo branco.

Ademais, é importante ressaltar que o filme é baseado em fatos reais, Sarah Chapman foi uma sindicalista britânica e uma das líderes da greve de Bryant & May, nasceu em 1862 e cresceu no extremo leste de Londres. No entanto, diferentemente do enredo do filme, Sarah não vivia em um teatro nem estava distante de sua família, ela permanecia morando com eles enquanto trabalhava na fábrica de palitos de fósforo.

Aos 19 anos, Sarah Chapman trabalhava na fábrica de fósforos Bryant & May, juntamente com sua mãe e irmã mais velha. Em 1888, ela desempenhou um papel crucial no movimento histórico conhecido como a "Greve das *Matchgirls*" ou a greve das meninas do fósforo. Sarah e outras jovens trabalhadoras da fábrica protestaram contra as péssimas condições de trabalho, baixos salários, longas jornadas e o uso de substâncias tóxicas no processo de fabricação de fósforos.



Em 1830, o francês Charles Sauria, produziu um novo fósforo de cabeça branca e sem cheiro, a partir do fósforo como químico base, ainda com os inconvenientes da sua fácil inflamação e do risco de envenenamento, durante a produção. A indústria que se iniciava precisava de mão de obra, porém deveria ter baixo custo, isso possibilitou a contratação de mulheres e crianças na Indústria Têxtil Inglesa, as quais se sujeitavam ao trabalho industrial como forma de complementar a renda familiar (BOSCHILIA, 1996).

A produção do fósforo era interna, com recurso a fio de algodão branqueado que se fazia passar por um tabuleiro com uma solução quente de cera e estearina, sendo enrolado e desenrolado para tambores laterais movidos manualmente por mulheres, produzindo assim o pavio (BOSCHILIA, 1996).

Depois de seco o pavio era remetido a uma espécie de urdideira, depois cortado, colocados em camadas sucessivas em caixilhos que a operária formava, comprimindo e cortando ao tamanho final, eram, depois, mergulhados na massa inflamável fosfórica, preparada a frio, e recebida esta, passavam à estufa para secagem. Procedia-se à abertura dos caixilhos e os pavios retirados para os agrupar nas respectivas caixas (SOTTOMAYOR, 2011).

A contratação da mão-de-obra feminina, composta preferencialmente por menores de idade, era atraente para os industriais, porque elas recebiam a metade do salário de uma mulher adulta e apresentavam a mesma produtividade. Além de que, eram disciplinadas e adaptavam-se mais facilmente ao trabalho, tinham maior concentração e menor capacidade reivindicatória (BOSCHILIA, 1996).

As operárias eram consideradas como “dóceis” pelos patrões, fáceis de manipular, acostumadas a obedecer. Essa perspectiva era reforçada pela fraca Organização sindical de mulheres. As tentativas de greve organizadas pelas operárias tinham pouca adesão feminina e quase nenhuma masculina, sendo rapidamente dispersadas. Tanto que, a mão de obra feminina era monetariamente desvalorizada e, portanto, altamente lucrativa para o seu empregador. (BOSCHILIA, 1996).

Em 1888, Sarah Chapman desempenhou um papel crucial no movimento histórico conhecido como a “Greve das *Matchgirls*” ou a greve das meninas do fósforo. Sarah e outras jovens trabalhadoras da fábrica protestaram contra as péssimas condições de trabalho, baixos salários, longas jornadas e o uso de substâncias tóxicas no processo de fabricação de fósforos. Essas substâncias frequentemente causavam problemas de saúde graves, como envenenamento por fósforo e deformidades ósseas, e eram conhecidas como “doença do fósforo” (SOTTOMAYOR, 2011).



v.7, n.2

Segundo Sottomayor (2011), entende-se por fosforismo industrial o conjunto de lesões anatômicas e de perturbações funcionais que se observa nos operários que manipulam o fósforo, relatou que estes indivíduos sofriam um envenenamento lento e contínuo. Após destrinçar a intoxicação aguda e crônica causada pelo fósforo, sendo que a primeira estava já sobejamente estudada, dedicou-se a enumerar doenças internas e externas, destacando, das primeiras, a anemia geral, anorexia, irritações das vias respiratórias e, sobretudo, no aparelho genital feminino. Quanto às externas, destacava as erupções da pele e a ação sobre os ossos da face, em espacial sobre as maxilas.

O movimento ganhou atenção e apoio público, e as grevistas conseguiram obter algumas melhorias nas condições de trabalho, incluindo a abolição do sistema de multas injusta, que foi imposto pela empresa. Esse evento é representado na cena final do filme, que exibe o discurso encorajador realizada pela personagem Sarah Chapman, como também a manifestação das operárias da fábrica de fósforos, representando a força do gênero feminino por seus direitos trabalhistas, como forma também de encorajar as outras mulheres para que empenhassem seus direitos. E, assim resultou na marcha das mesmas unidas para fora da fábrica.

As grevistas obtiveram atenção na referida Convenção de Berna de 1906, por iniciativa da Associação Internacional para a proteção dos Trabalhadores, foi sugerido a todas as nações que proibissem o uso industrial de fósforo branco, a sua importação ou venda, o que foi de imediato subscrito por apenas 7 países dos 15 presentes. Alguns desses países já anteriormente tinham efetivado esta proibição, apesar da elevação de custos que o emprego de outras matérias-primas inflamáveis provocava na adesão às Recomendações da Convenção, a Grã-Bretanha aderiu em 1910 (SOTTOMAYOR, 2011).

O filme preocupou-se em refletir um tema social de lutas das mulheres na busca de direitos, como também mostrar a sociedade a relevância da Discussão dos Direitos Trabalhistas e de Gênero na contemporaneidade, as diferenças e o espaço que está conquistando. O papel que elas exerciam, as dificuldades que enfrentavam, as limitações que sofriam, as punições que eram sujeitas e como isso foi difícil de conquistar, mas que todas apresentavam o incômodo por sua liberdade.

Talvez seja preciso começar a pensar o filme não como objeto, mas como marca final de um processo criativo como arte. Pensar o filme como a marca de



um gesto de criação. Não como um objeto de leitura, decodificável, mas, cada plano, como a pincelada do pintor pela qual se pode compreender um pouco seu processo de criação (BERGALA, 2008).

“A Greve das Meninas do Fósforo” é uma escolha temática interessante para “Enola Holmes 2”, pois coloca em evidência duas questões fundamentais: os direitos trabalhistas e a luta pela igualdade de gênero. O filme enfatiza a importância da conscientização sobre a desigualdade de condições de trabalho enfrentada pelas mulheres no passado e, em muitos casos, ainda presente atualmente.

Além disso, a protagonista, uma jovem mulher determinada e inteligente, que luta contra os estereótipos de gênero e se envolve na causa das Meninas do Fósforo, é uma representação poderosa da resistência feminina. Ao abordar a história dessas trabalhadoras corajosas, o filme mostra como as mulheres têm sido agentes ativas na busca por mudanças sociais e na conquista de seus direitos. Por conseguinte, oferece uma oportunidade para o público se envolver com questões importantes da história e refletir sobre o progresso alcançado e os desafios que ainda persistem em relação aos direitos das mulheres no mercado de trabalho (NAFIS, 2020).

O poeta e crítico brasileiro José Paulo Paes discordava da divisão do cinema como entretenimento e cultura. Para ele “tudo é cultural (...). É preciso pensar muito, primordialmente na comunicabilidade dos Filmes”, ressaltando que sempre há uma mensagem, informações, dados importantes em cada película (BOLETIM, UFMG, 2005).

A obra cinematográfica configurou-se bem-sucedida em trazer à tona a coragem e a resiliência das trabalhadoras da época, destacando a importância de reconhecer e valorizar as contribuições das mulheres na construção da sociedade moderna. “Enola Holmes 2” é, portanto, não apenas uma trama que entretém, mas também sensibiliza o espectador sobre temas relevantes e atuais, que merecem contínuo debate e ação social.

O filme é representativo de uma narrativa que está presente nos processos educativos em seus diversos níveis, assim como está a literatura, a recuperação da memória. O Estudo a partir de narrativas diversas possibilita olhar para um acontecimento, ou para um fenômeno a partir de outros elementos que não aqueles ditados por manuais didáticos. Neste sentido utilizar estas linguagens é complementar o trabalho educacional de transmissão e perpetuação de uma herança cultural (CHALUH&VARANI, 2008).



v.7, n.2



REFERÊNCIAS

BERGALA, A. *A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e Fora da escola*. Tradução: Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink – CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008. Disponível em <https://xdocz.com.br/doc/bergala-alain-a-hipotese-cinema-08p25jxr15nvpdf>. Acesso em 18 de Junho de 2023.

BOSCHILIA, Roseli, T. *Condições de vida e Trabalho: Mulher no espaço Fabril Curitibano (1940-1960)* Dissertação de Mestrado, Curitiba, 1996, Curso de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná— UFPR. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/147517576.pdf>. Acesso em 18 de junho 2023.

CHALUH, Laura Noemi & VARANI, Adriana. *Uso Do Filme Ana Formação de Professores*. ETDEducação Temática Digital, Campinas, v.10, n.1, p.123, dez.2008 ISSN:16762592. Disponível em <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1013/1028pdf>. Acesso em 27 de Junho 2023.

JUNIOR, Silva Guilherme Mauricio. *O cinema brasileira vai bem, obrigado*. Disponível em: <http://www.ufmg.br/boletim/bol1482/sexta.shtml> BOLETIM (UFMG), nº 1482, Ano 31, 5/5/2005, acessado em 20 de Junho 2023.

NAFIS, Silma Nadyan. *Movimento Feminista em 1884 no Império Britânico em Harry Bradbeer Enola Holmes (2020)*, Al-Qur'na Science University, Wonosobo, Indonésia. Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://ojs.unsiq.ac.id/index.php/metaphor/article/view/2285&ved=pdf>. Acesso em 18 de junho 2023.

OLIVEIRA JR., W. M. *Filmes & Professores: Momentos de uma oralidade muito Presente*. Pro-Posições, 1999pdf.

PURNAMA, Natasha Christa, ARINTONANG, Agusly Irawan & WIJAYANTI, Chory Angela, *Representasi Feminisme dalam Film Enola Holme*, jornal do programa de estudos de ciência da comunicação de e-comunicação, Petra Christian University, Surabaya, vol 9. 2021pdf. Disponível em <https://publication.petra.ac.id/index.php/ilmukomunikasi/article/view/11543>. Acesso em 19 de junho 2023.

SAMPARO, Ana Julia Fernandes & SIQUEIRA, Dirceu Pereira. *Os Direitos da Mulher no Mercado de Trabalho: Da Discriminação de Gênero À Luta Pela Igualdade*. Revista em Direito em Debate/Departamento de Ciências Jurídicas. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. júi/RS. Ano XXI, nº 48, julDez. 2017/ISSN21766022.p.287325pdf. Disponível em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebatepdf>. Acesso em 20 de junho 2023.



SOTTOMAYOR, Fernando. *A Indústria dos Fósforos: das Origens ao Monopólio (1862-1926). O caso do Porto*. Universidade do Porto Faculdade de Letras. Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Disponível em <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/57047/2/TESEMESFERNANDOSOTTOMAYOR000141739.pdf>. Acesso 20 de junho 2023.



v.7, n.2

